

INTELIGÊNCIA MILITAR Para PT, 'não é papel do Exército' espionar os movimentos

Texto do Exército é 'obra de algum lunático', diz CUT

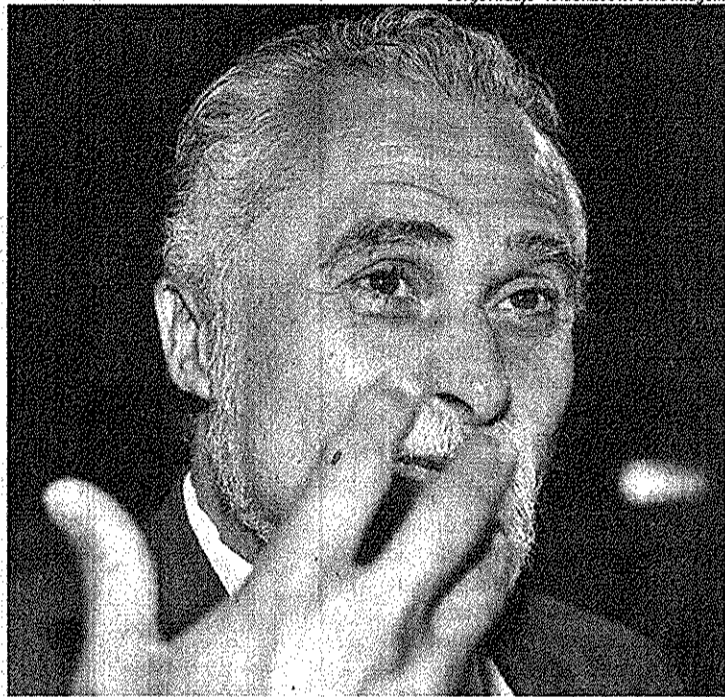
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

"Esses caras enlouqueceram", disse ontem o presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), João Felício, ao ser informado pela reportagem da Folha de que a entidade que dirige é apontada em documento secreto do Exército como parceira do MST na formação de um grupo paramilitar. "Nunca ouvi falar disso."

Felício completou: "Sou uma pessoa de esquerda. Militei na clandestinidade na década de 70. Depois, me abriguei no PT. Conheço bem as organizações de esquerda neste país e nunca ouvi falar que houvesse corrente, dentro da CUT e fora da CUT, dentro do PT e fora do PT, que estivesse organizando brigadas de combate".

Para Felício, o texto da inteligência do Exército "é obra de algum lunático, desses que enxergam fantasmas debaixo da cama. Ou então é coisa de alguém que esteja com a intenção de jogar a opinião pública contra a CUT. Não sei o que quer esse povo. Mas isso só pode ser coisa de gente perturbada e lunática".

O presidente interino do PT, deputado José Genoino, também ficou surpreso com a menção feita ao PT no relatório do Exército. De acordo com o serviço de inteli-



O deputado José Genoino, presidente interino do PT

gência militar, "o MST, juntamente com a CUT e o PT, vem montando uma brigada formada para o ataque e defesa em suas operações". Ainda segundo o Exército, esse grupo é conhecido como "Brigada Cabanos" e tem se revelado "uma organização paramilitar". "Isso é absurdo. O PT não tem nada a ver com isso", dis-

se Genoino. Ele condenou, de resto, "a iniciativa do Exército de espionar movimentos sociais". "Não é papel do Exército."

A reportagem tentou, sem sucesso, ouvir três dos principais líderes do MST. João Pedro Stedile e Gilmar Mauro estavam viajando. Roberto Baggio encontrava-se em reunião no Rio Grande do Sul.

Exército não responde a solicitação

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A Folha tentou obter ontem uma manifestação do Centro de Comunicação do Exército acerca do conteúdo dos papéis que divulga na edição de hoje. A reportagem deixou recado para os oficiais incumbidos de conversar com jornalistas. Mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.

O Exército tem sido cauteloso em suas manifestações sobre os documentos publicados até aqui. Em nota divulgada no último dia 7 de agosto, chegou mesmo a prometer a apuração "de eventuais transgressões" às suas diretrizes. Comprometeu-se, a adotar "imprescindíveis correções".

Referia-se a trechos dos papéis secretos em que se admite "arranhar direitos dos cidadãos" em nome da manutenção da ordem.

Busca de inteligência militar aparece até na Bíblia

RICARDO BONALUME NETO
 DA REPORTAGEM LOCAL

Saber o que for possível sobre o inimigo — seu poderio, a localização de suas tropas, suas intenções — sempre foi uma das prioridades de qualquer organização militar. Até na Bíblia é possível perceber casos de busca de "inteligência militar", nas missões que israelitas promoviam junto a seus inimigos cananeus.

Estados modernos sempre investiram em alguma forma de coletar sigilosamente informações para serem usadas pelos que tomam decisões. Por meio de forças armadas e polícias, o Estado moderno procura exercer um monopólio da "violência legítima".

No caso das democracias, a necessidade de conhecer os inimigos potenciais convive com um dilema básico: o que manter secreto e quem deve ter acesso à informação? Há outro problema básico: qual a definição de "inimi-

go" do Estado? No regime democrático, o "inimigo" de hoje pode ser o governante de amanhã.

A coleta de inteligência não é necessariamente sinônimo de espionagem. Ela pode ser feita por meio de fontes públicas, como a imprensa ou relatórios oficiais.

Tipos de inteligência

Nas democracias ocidentais, os serviços de inteligência são divididos em três ramos básicos.

Há aqueles dedicados à coleta de informações e operações clandestinas no exterior, como a americana CIA (Agência Central de Inteligência). A luta contra a espionagem inimiga é feita por um órgão de "contra-espionagem", que age dentro das fronteiras do país. No caso dos EUA, é o FBI (Biro Federal de Investigações).

E as Forças Armadas têm seus serviços secretos próprios, além de oficiais de inteligência que permeiam toda a estrutura.

O caso israelense é bem ilustra-

tivo. Israel tem três organizações básicas de inteligência, coordenadas por um diretor-geral que se reporta diretamente ao primeiro-ministro e ao Parlamento.

Há o Diretório de Inteligência Militar ou Aman, que coleta dados sobre as forças armadas inimigas; o Shin Beth (abreviatura de Shereth Bitakhon, Serviço de Segurança) faz a contra-espionagem; e o Mossad age em todo o mundo, às vezes cometendo assassinatos no estilo 007, o espião "com licença para matar".

O criador de James Bond, por sinal, trabalhava com inteligência militar. Ian Fleming foi assistente do Diretor de Inteligência Naval no Almirantado britânico durante a Segunda Guerra.

A especialização em instituições distintas se deve também pelas diferentes fontes de inteligência. O tradicional espião infiltrado no país inimigo faz a chamada "inteligência humana" — ou "Humint", na sigla em inglês. Uma

imagem feita por satélite ou por avião é a "Imint" — ou Inteligência por Imageamento — e a "Sigint" é aquela obtida por "sinais" — isto é, interceptação de sinais de rádio ou de ondas de radar.

Durante a Guerra Fria, os EUA lutavam contra a ameaça global do comunismo. Nessa visão, havia portanto o inimigo externo e o interno. Satélites eram úteis para saber o estado do poderio bélico da então União Soviética. Espiões eram necessários para conhecer a verdadeira dimensão da influência comunista na política interna.

Governantes com menos escrúpulo abusavam do sistema de coleta de inteligência. Nos anos 70, o Congresso dos EUA ficou furioso ao descobrir que o presidente Richard Nixon usava ilegalmente a CIA para bisbilhotar a vida dos próprios americanos. O caso mostra que, por atuarem "nas sombras", serviços de inteligência tendem a criar vida própria e agir com pouca fiscalização externa.